

CADERNO

CONTRIBUTOS PARA A 8ª EDIÇÃO
DA MOSTRA INTERNACIONAL
DE CINEMA ANTI-RACISTA

MICAR

CINEMA, INTERCULTURALIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O filme, enquanto expressão artística e espaço de representação, pode contribuir para interrogarmos as nossas visões do passado, do presente e do futuro, fomentar o conhecimento mútuo e denunciar expressões de racismo no mundo contemporâneo, constituindo um importante instrumento de luta antirracista. Mas o cinema contribui também para a manutenção e reificação de determinados estereótipos sociais, mesmo que a intenção dos realizadores seja precisamente o contrário. Às vezes, querendo desmontar um determinado estereótipo, reforçam-se, ainda que involuntariamente, outros.

Já Fanon (1956/1980) dizia, em meados do século passado, que o cinema havia sido utilizado enquanto instrumento que contribuiria para contestar e desconstruir expressões racistas e xenóforas. Como Fanon salienta (1956/1980, p. 44) “um país colonial é um país racista” e países coloniais são todos aqueles em que persiste a colonialidade do poder, do saber e do ser (Mignolo, 2000; Quijano, 2005; Maldonado-Torres, 2007).

Na verdade, se não existe um trabalho integrado de desconstrução de mitos históricos, de questionamento dos efeitos persistentes do colonialismo no quotidiano — se as gerações que viveram o colonialismo, os seus filhos e netos contactaram apenas com versões hegemónicas da história, sem acesso ao que é polémico, às perspectivas sobre o passado dos povos e grupos que foram oprimidos — as ideologias dominantes e a memória histórica sobre esse passado contribuem para a persistência do racismo na nossa sociedade.

Estudos realizados em seis instituições do Ensino Superior em diversas regiões do país, nos quais participaram cerca de dois mil estudantes (Cabecinhas, 2002) demonstram, entre outros aspetos, que as hierarquizações raciais moldadas no período colonial continuam a estruturar as perceções e os comportamentos dos estudantes, sendo essencial considerar o peso da história e as assimetrias de poder nas relações entre os diversos grupos sociais. Estes estudos indicam, ainda, que o racismo atual se manifesta pela negação do reconhecimento da singularidade do outro, ou seja, que os membros dos grupos racializados não são tratados como “pessoas”, mas simplesmente como “representantes” de uma categoria homogénea, resultando em perceções e interações mais baseadas em estereótipos sociais.

Não cabe citar aqui os inúmeros trabalhos de investigação desenvolvidos em Portugal cujos resultados remetem para a persistência de expressões de racismo e estereótipos raciais na sociedade portuguesa. Também não vamos assinalar os vários estudos sobre o papel dos média na disseminação de representações sociais hegemónicas sobre “nós” e o “outro”, ou, ainda, os vários trabalhos que salientam os silêncios e omissões da história oficial. Vamos, no entanto, partir da constatação de que persistem expressões de racismo no nosso quotidiano (e.g. Henriques, 2018; Roldão, 2020; Vala, 2021)

— influenciando decisivamente as oportunidades e a vida das pessoas — para pensar como podemos contribuir para a mudança social.

De que modo pode o cinema ajudar a promover a discussão crítica sobre racismo na sociedade contemporânea? Que potencialidades pedagógicas e de transformação poderá ter? Com este objetivo, fazemos uma espécie de viagem por três estudos de recepção desenvolvidos nos últimos anos, em que se utiliza o filme como estímulo para a discussão crítica sobre o passado e o presente das relações interculturais. Partimos de um conjunto de discussões realizadas com estudantes, em sala de aula, para discutir o potencial pedagógico do cinema. Poderá este contribuir para a transformação de visões do mundo, para a desconstrução de estereótipos sociais sobre “nós” e sobre os “outros”?

Num estudo com 124 estudantes do ensino secundário, Macedo (2017) constata que os estudantes atribuem um papel central, não apenas ao filme que visualizam, mas mais importante que o filme selecionado, os jovens salientam o modo como este é explorado com eles. Para os estudantes, as sessões de cinema em que há convidados conhecedores da linguagem fílmica estimulam-nos a compreender o filme no seu todo — refletindo sobre as diferentes percepções a propósito da realidade explorada, analisando em conjunto sentimentos, atitudes, aspetos estéticos e históricos suscitados pelo cinema. A maioria dos estudantes refere que a visualização de filmes contribui para o seu processo de aprendizagem, realçando que testemunhos como os dos participantes no filme *Li Ké Terra* (2010)¹ permitem a reflexão sobre as suas próprias representações a respeito da realidade retratada, olhando-a de outra perspetiva e contribuindo para os orientar em julgamentos e atitudes posteriores relativamente a jovens imigrantes ou percebidos como imigrantes. Para além disso, ao confrontarem-se com situações que desconheciam, como as dificuldades vivenciadas pelos jovens retratados nos filmes, pela falta de reconhecimento da cidadania portuguesa, tendem a objetivar essas novas informações, tornando-as familiares e integrando-as no quadro de referência anterior. Neste processo, novas representações sobre a população imigrante e os seus descendentes podem emergir. Expressões dos jovens, como “às vezes sem nos depararmos com essas situações, com estes testemunhos, temos outras opiniões diferentes”; ou “os filmes dão-nos uma nova perspetiva e com a nova perspetiva podemos julgar as pessoas de outra forma. E as situações também” (Macedo, 2017), remetem para esta potencialidade do filme na reconstrução identitária de jovens. Por outro lado, estes jovens, sem experiência direta do passado colonial, mobilizam estereótipos, que lhes foram transmitidos no processo de socialização, ao refletirem sobre as relações interculturais. A persistência de expressões de racismo e a associação dos negros à criminalidade, à agressivida-

de e à falta de agência são observadas. Representações relacionadas com o “mito lusotropicalista” e a suposta “imunidade” da sociedade portuguesa ao racismo também estão presentes nos discursos dos jovens, bem como a associação das pessoas negras a traços de sociabilidade e expressividade (musical, festivo, etc.) em detrimento de traços de competência (Cabecinhas, 2007; Macedo, 2017).

Por seu turno, Pereira (2019) desenvolveu um estudo de receção, envolvendo mais de 250 estudantes portugueses, convidados a discutir filmes moçambicanos e portugueses. Para a autora, o cinema é uma forma de arte e uma indústria cultural, desde logo pela forma como se distribui, divulga e reproduz, podendo chegar a um público muito vasto em número e transversal socialmente. Nessa medida, considera que o cinema, à semelhança de outros meios de comunicação, pode contribuir para a homogeneização de determinadas representações, mas também pode ter um papel importante na difusão de representações polémicas, promovendo assim a mudança social (Cabecinhas, Macedo & França, 2019). Os jovens que participaram na investigação de Pereira (2019) visualizaram vários filmes moçambicanos e portugueses². Os resultados deste estudo indicam que os participantes nos debates e também os filmes analisados, constroem-se partindo (com rejeição, culpa, negação ou aceitação) de um “outro português” explorador, colonialista, racista, etc. (Pereira, 2019). Os participantes reconhecem que existe racismo em Portugal, mas nenhum se assume como racista, isto é, o racismo é associado a “outros” portugueses. Apesar da tendência para a reprodutibilidade dos estereótipos sociais, esta investigação confirma que o filme constitui um meio especialmente eficaz na (re)elaboração do modo como nos pensamos e no questionamento de discursos instituídos, demonstrando, também, o esforço de cineastas moçambicanos e portugueses nesse sentido (Pereira, 2019).

No início de 2021, antes de a pandemia nos obrigar a reagendar a vida, foram realizados grupos de discussão com 24 estudantes no norte de Portugal, no contexto de um projeto de investigação³. Partindo da visualização dos filmes *48* (2010), de Susana de Sousa Dias e *Uma memória em três atos* (2016), de Inadelso Cossa, procurámos conhecer as perceções dos alunos sobre os temas abordados nos excertos dos filmes e as representações mobilizadas em relação ao colonialismo e à interculturalidade. Ambos os filmes abordam os temas da ditadura, do colonialismo, a violência vivida durante este período em Moçambique e em Portugal, bem como a mobilização para as lutas de libertação, este último tema explorado no filme de Inadelso Cossa.

Os resultados das discussões com jovens estudantes corroboram aqueles obtidos nos estudos anteriormente apresentados. O facto de alguns jovens quererem que a sua identidade social fosse valorizada, levou-os a assumir alguma distância em relação às atitudes das gera-

ções mais velhas. Observamos uma tendência nos jovens para procurar uma distintividade positiva (Tajfel, 1974), ou seja, procuravam manter ou alcançar uma identidade social positiva através da comparação com outros grupos relevantes, neste caso os “jovens” são o endogrupo valorizado e as “gerações mais velhas” são mobilizadas como exogrupo. Esta comparação com outros grupos é visível quando um dos jovens que participou na discussão refere: “ouço por vezes pessoas a falar mal dos brasileiros. Penso que muitos portugueses generalizam. Que eles vêm aqui apenas para não trabalhar e assim por diante, não concordo com isso. Não sei, principalmente as gerações mais velhas. Eles são mais assim”. Outro exemplo, é o de um jovem que menciona: “eu não sei se podemos dizer que o racismo e a xenofobia diminuam”. O mesmo jovem acrescenta: “eu não sei se há pais que educam os filhos para ser [racista] ou não. Por isso eu gosto de acreditar que as pessoas que vão crescer agora para frente, nas próximas gerações, são pessoas que vão ter menos esse sentimento”. Para além de associarem expressões de racismo às “gerações mais velhas” há jovens que salientam que o preconceito contra a população cigana é maior do que em relação à população negra, pelo facto de em Braga — local de realização dos grupos de discussão — a comunidade cigana ser “muito representativa”, o que vai ao encontro aos resultados de estudos anteriores (Cabecinhas, 2002; Silva, 2016).

Por outro lado, mais uma vez, se verifica que os estudantes reconhecem que o racismo existe em Portugal, mas os racistas são os “outros”. Um aspeto interessante, que revela a potencialidade pedagógica destas atividades, é a oportunidade de os jovens discordarem, contestarem-se mutuamente, podendo resultar numa reflexão mais aprofundada sobre os temas em análise. Por exemplo, neste último estudo, verificaram-se várias tensões entre os elementos dos grupos quando discutiram de quem seria a responsabilidade pelas ações apresentadas nos filmes (exploração, tortura...). A questão da culpa coletiva por ações passadas foi levantada várias vezes e gerou dissenso entre os estudantes. Por exemplo, quando questionados sobre a responsabilidade das experiências vividas pelos personagens dos filmes, um dos jovens refere: “talvez sabendo que somos os vilões da situação”. Mas logo de seguida, outro jovem contesta: “não vilões”. O primeiro jovem mantém a sua posição dizendo que “sim, nós, como Portugal, somos”, mas é rapidamente questionado pelo colega que responde “a Alemanha não é culpada pelo Hitler”. Embora pareça manter a mesma posição, o jovem que vê Portugal como o vilão das estórias contadas nos filmes visualizados, acabou por desistir da argumentação. De facto, como outra jovem indica numa das discussões realizadas, “há sempre a ideia de não querer admitir a culpa, quer seja o que fizemos, quer seja o que as pessoas antes de nós fizeram”.

Nos três estudos de receção aqui referidos é salientado pelos jovens o desconhecimento sobre as experiências daqueles que viveram no período colonial e a falta de discussão destes temas no contexto escolar. A visualização de filmes e discussões como estas podem contribuir para que os estudantes aprofundem as suas opiniões sobre outros discursos e práticas culturais e também refletir sobre a sua própria identidade, promovendo a mudança social. Para os jovens participantes nas discussões, os filmes exibidos ajudaram “a compreender um lado de Portugal que estava escondido”. Uma das jovens considera que a maioria dos colegas desconhece as ações da PIDE e os seus métodos de tortura e menciona que isso foi o que “mais nos chocou. E ao mostrar isso, penso que nos alerta para uma necessidade de mudança. Temos de mudar as nossas atitudes”. Esta posição é defendida também por outros participantes, para quem os filmes visualizados auxiliam na compreensão de outras realidades, considerando que o filme e a discussão crítica sobre este constituem um meio de aprendizagem fundamental.

No processo de interpretação e (re)construção de representações, a literacia fílmica dos jovens ou a sua capacidade de ver criticamente um filme e analisar o seu conteúdo, aspetos cinematográficos e técnicos, pode ter um papel central na (des)construção das suas visões do mundo. Pelas crianças e jovens, em processo de construção das suas identidades pessoais e sociais, os filmes podem ser vistos como entretenimento, estimulando a sua curiosidade em relação a outras culturas. Ao defrontarem-se com testemunhos sobre a tortura no período colonial, por exemplo, os estudantes procuram dar sentido ao que veem e experimentam. A reflexão crítica sobre os significados dessas imagens em movimento pode contribuir para a desconstrução de estereótipos sociais, profundamente enraizados na sociedade portuguesa.

Os diversos estudos que realizámos em contexto escolar mostram de forma clara os efeitos persistentes da criptomnesia social (Butera, Levine & Vernet, 2009) no nosso quotidiano. Tomados no seu conjunto, evidenciam a importância de aprendermos a questionar tabus, a contar e escutar outras estórias e a agir juntos, articulando ciência e arte, de modo a transformar a escola e a sociedade.

NOTAS

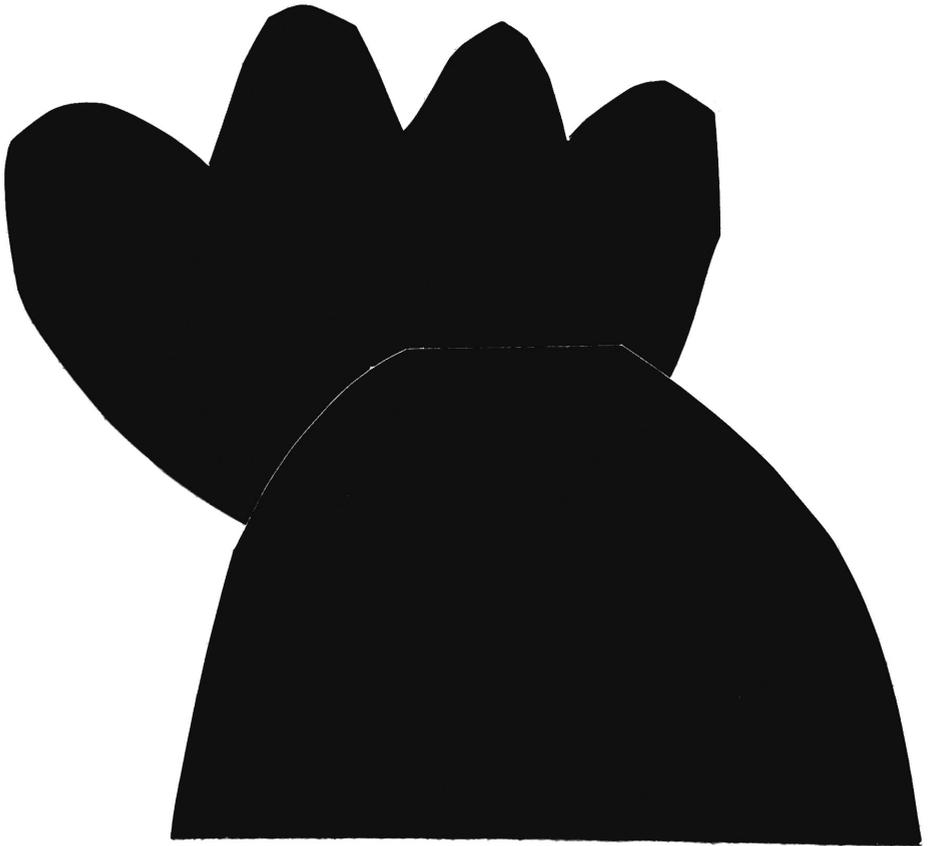
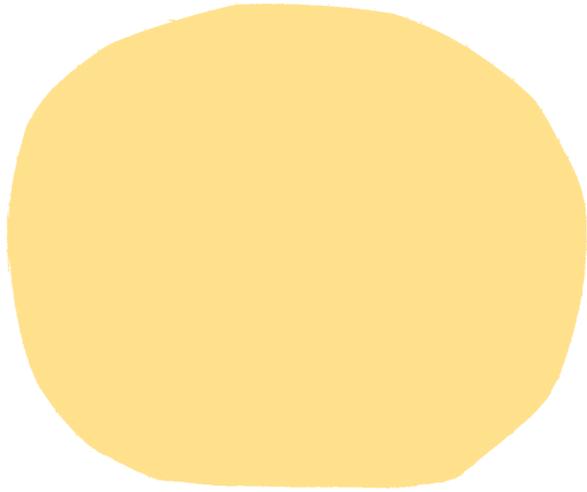
- 1 *Li Ké Terra* foi o filme visualizado pelos 124 estudantes. Realizado por Filipa Reis, João Miller Guerra e Nuno Baptista, conta a história de dois jovens de origem cabo-verdiana nascidos em Portugal.
- 2 Filmes moçambicanos: *O jardim do outro homem* (2006), de Sol de Carvalho; *O último voo do flamingo* (2011), de João Ribeiro e *Virgem Margarida* (2012), de Licínio de Azevedo. Filmes portugueses: *Tabu* (2012), de Miguel Gomes; *Cavalo Dinheiro* (2014), de Pedro Costa e *Yvone Kane* (2015), de Margarida Cardoso.
- 3 Projeto “Memories, cultures and identities: how the past weights on the present-day intercultural relations in Mozambique and Portugal?” (n.º 333162622).

REFERÊNCIAS

- Butera, F., Levine, J. M., & Vernet, J.-P. (2009). Influence without credit: How successful minorities respond to social cryptomnesia. In F. Butera & J. M. Levine (Eds.), *Coping with minority status: Responses to exclusion and inclusion* (pp. 311–332). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511804465.015>
- Cabecinhas, R. (2002). *Racismo e etnicidade em Portugal: uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal. <http://hdl.handle.net/1822/25>
- Cabecinhas, R., Macedo, I. & França, R. (2019). Cinema, migrações e diversidade cultural. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6(1). <https://rlec.pt/index.php/rlec/issue/view/100>
- Fanon, F. (1956/1980). *Em Defesa da Revolução Africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Henriques, J. G. (2018). *Racismo no país dos brandos costumes*. Lisboa: Tinta da China.
- Macedo, I. (2017). *Migrações, memória cultural e representações identitárias: a literacia fílmica na promoção do diálogo intercultural*. Tese de Doutoramento em Estudos Culturais, Universidade do Minho, Braga.
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del ser: Contribuciones al desarrollo de un concepto. In S. Castro-Gómez & R. Grosfoquel (Eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 127-167). Bogotá: Siglo del Hombre.
- Mignolo, W. D. (2000). *Local histories/global designs; coloniality, subaltern knowledges and border thinking*. Princeton, Princeton University Press.
- Pereira, A. C. (2019). *Alteridade e identidade na dicção cinematográfica em Portugal e em Moçambique*. Tese de Doutoramento em Estudos Culturais, Universidade do Minho, Braga.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Ed.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 227-278). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO.
- Roldão, C. (Ed.) (2020). Educação (anti)racista: Que políticas, práticas e perspectivas? *Medi@ções*. <http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/issue/view/20>
- Silva, M. C. (2016). *Sina Social Cigana: história, comunidades, representações e instituições*. Lisboa: Colibri.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behaviour. *Social Science Information*, 12(2), 65-93. <http://ssi.sagepub.com/content/13/2/65.full.pdf>
- Vala, J. (2021). *Racismo, hoje. Portugal em contexto europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é desenvolvido no âmbito da “Knowledge for Development Initiative”, pela Rede Aga Khan para o Desenvolvimento e pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP (n.º 333162622) no contexto do projeto “Memories, cultures and identities: how the past weights on the present-day intercultural relations in Mozambique and Portugal?”. Este trabalho é ainda apoiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.



EQUIPA MICAR 2021

Ana Martins
Flávia Palladino
Hugo Monteiro
Joana Alves dos Santos
Joana Cabral
Luís Camanho
Mamadou Ba
Marta Pereira
Nuno André Silva
Pedro Daniel Ferreira
Sara Neves
Taísa Barbosa
Teresa Martins

JÚRI ATIVISMOS VISUAIS

Joana Alves dos Santos
Luís Camanho
Mamadou Ba
Mário Moura
Rita Ferreira

COORDENAÇÃO CADERNO MICAR

Joana Alves dos Santos
Luís Camanho
Rita Ferreira

DESIGN GRÁFICO

Rita Ferreira

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Rainho & Neves

TIRAGEM

500 exemplares

ISBN

978-989-33-2334-2

DEPÓSITO LEGAL

489077/21

PORTO 2021

Agradecemos a todas as pessoas amigas do SOS Racismo que colaboraram na realização da 8ª edição da Mostra Internacional de Cinema Anti-Racista, e que nos ajudam a travar a luta contra o racismo. O nosso obrigada à equipa técnica do Rivoli e às pessoas convidadas para as apresentações de filmes, para os debates e para os contributos constantes nesta publicação.

TIPOGRAFIA

Este livro foi composto com as fontes VTCARRIE (títulos) **VTC MARSHA** (autores) e **VTC Martin** (ensaio de Nuno Coelho), tipografias distribuídas pela Vocal Type Foundry, que procuram representar parte da história e das lutas de minorias étnicas, raciais e de género, da autoria de Tré Seals. *VTC Carrie* é inspirada em cartazes usados na marcha pelo sufrágio feminino, na cidade de Nova Iorque, em 1915, encabeçada por Carrie Chapman Catt, líder feminista e ativista pela paz. *VTC Marsha* é inspirada num antigo letreiro do bar Stonewall Inn, dedicado a Marsha P. Johnson, mulher negra transgénero e ativista pelos direitos LGBT, nos anos 1960 e 1970, em Nova Iorque. *VTC Martin* é inspirada nos cartazes usados na greve dos trabalhadores do saneamento de Memphis, em 1968, e presta homenagem a Martin Luther King, ativista pelos direitos civis, que acabaria por ser assassinado dias depois da sua intervenção naqueles protestos. A fonte de texto corrido é a **GT Alpina Typewriter**, desenho de Reto Moser, distribuída pela fundição Grilli Type. A fonte das notas é a **Karrik**, desenho de Jean-Baptiste Morizot e Lucas Le Bihan, distribuída pela Velvetyne, fundição de tipografia livre e de código aberto.



micar.sosracismo.pt

UMA INICIATIVA COPRODUÇÃO



Teatro Municipal do Porto
Rivoli ● Campo Alegre



PARCERIAS INSTITUCIONAIS

